

# As raízes históricas do leninismo

I.V. Stáline<sup>1</sup>

1924

O leninismo cresceu e tomou a sua forma definitiva nas condições do imperialismo, quando as contradições do capitalismo chegaram a um ponto extremo, quando a revolução proletária se tornou uma questão prática imediata, quando o antigo período de preparação da classe operária para a revolução terminou e se transformou no período de assalto directo contra o capitalismo.

Lénine qualificava o imperialismo de «*capitalismo agonizante*». Porquê? Porque o imperialismo leva as contradições do capitalismo até últimas marcas, até aos limites extremos, após os quais começa a revolução. Três destas contradições devem ser consideradas as mais importantes.

A *primeira contradição* é a que existe entre o trabalho e o capital. O imperialismo é a onipotência dos *trusts* e dos monopólios, dos bancos e da oligarquia financeira nos países industriais. Os métodos habituais da classe operária para lutar contra esta onipotência – os sindicatos e as cooperativas, os partidos parlamentares e a luta parlamentar – revelaram-se totalmente insuficientes. Ante as massas de milhões de proletários, o imperialismo coloca a questão da seguinte forma: ou se entregam à mercê do capital, vegetando como antigamente e deixando-se degradar, ou lançam mão de novas armas. O imperialismo conduz a classe operária à revolução.

A *segunda contradição* é a que existe entre os diferentes grupos financeiros e potências imperialistas na sua luta pelas fontes de matérias-primas e por territórios alheios. O imperialismo é a exportação de capitais para as fontes de matérias-primas, a luta furiosa pela posse monopolista destas fontes, luta pela repartilha de um mundo já partilhado, a luta, conduzida com particular exasperação por parte dos novos grupos financeiros e das novas potências em busca de «um lugar ao sol», contra os velhos grupos e potências, que se agarram tenazmente às suas conquistas. Esta luta furiosa entre os diversos grupos capitalistas é digna de nota na medida em que encerra, como elemento inevitável, as guerras imperialistas, as guerras pela conquista

---

<sup>1</sup> Extracto do livro de I.V. Stáline *Princípios do Leninismo, Conferências lidas na Universidade de Sverdlov*, 1924, traduzido por José Ricardo (1972) e publicado por «*Pelo Socialismo, Questões político-ideológicas com atualidade*», [www.pelosocialismo.net](http://www.pelosocialismo.net), Janeiro de 2012, pp. 17-34. (N. Ed.)

dos territórios alheios. Por seu turno, esta circunstância é também digna de nota na medida em que conduz ao mútuo enfraquecimento dos imperialistas, ao enfraquecimento das posições do capitalismo em geral, à aproximação do momento da revolução proletária e à necessidade prática desta revolução.

A *terceira contradição* é a que existe entre um punhado de nações «civilizadas» dominantes e as centenas de milhões de pessoas dos povos colonizados e dependentes do mundo. O imperialismo é a mais descarada exploração e a mais desumana opressão de centenas de milhões de habitantes das vastas colónias e países dependentes. O objetivo desta exploração e desta opressão é a extorsão de superlucros. Mas para explorar esses países, o imperialismo é forçado a construir neles caminhos-de-ferro, empresas industriais, centros de comércio e indústria. Os resultados inevitáveis desta «política» são o surgimento da classe dos proletários, o nascimento de uma intelectualidade local, o despertar da consciência nacional, o recrudescimento do movimento de libertação. Isto é atestado com clareza pelo recrudescimento do movimento revolucionário em todas as colónias e países dependentes sem excepção. Esta circunstância é importante para o proletariado na medida em que mina pela raiz as posições do capitalismo, transformando as colónias e os países dependentes de reservas do imperialismo em reservas da revolução proletária.

Estas são, em geral, as contradições principais do imperialismo, que transformaram o antigo capitalismo «florescente» em capitalismo agonizante.

A importância da guerra imperialista desencadeada há dez anos reside, entre outros, em ter juntado num só novelo todas estas contradições e as ter lançado no prato da balança, acelerando e facilitando as batalhas revolucionárias do proletariado.

Por outras palavras, o imperialismo levou não só a que a revolução se tornasse uma inevitabilidade prática, como também a que se criassem as condições favoráveis para o assalto direto à fortaleza do capitalismo.

Esta foi a situação internacional que gerou o leninismo.

Dir-nos-ão que tudo isto está certo, mas a que propósito surge aqui a Rússia, uma vez que não era nem podia ser um país clássico do imperialismo? A que propósito surge aqui Lênine, que trabalhou sobretudo na Rússia e para a Rússia? Porque é que foi precisamente a Rússia o lar do leninismo, a pátria da teoria e da tática da revolução proletária?

Porque a Rússia era o ponto nodal de todas estas contradições do imperialismo.

Porque a Rússia, mais do que qualquer outro país, estava prenhe da revolução e, em virtude disto, só ela estava em condições de resolver estas contradições pela via revolucionária.

A começar logo pelo facto de a Rússia tsarista ser o foco de todos os tipos de opressão – capitalista, colonial e militar – que assumiam as suas formas mais bárbaras e desumanas. Quem ignora que a onipotência do capital se fundia na Rússia com o despotismo tsarista, a agressividade do nacionalismo russo, com as atrocidades do tsarismo para com os povos não russos, a exploração de regiões inteiras – Turquia, Pérsia, China – com a ocupação destas regiões pelo tsarismo, com as guerras anexionistas? Lênine tinha razão quando disse que o tsarismo era o «*imperialismo militar-feudal*». O tsarismo concentrava os aspetos mais negativos do imperialismo, elevados ao quadrado.

Mais. A Rússia tsarista era a reserva mais importante do imperialismo ocidental, não só na medida em que dava livre acesso ao capital estrangeiro, que detinha ramos tão decisivos da economia nacional russa como os combustíveis e a metalurgia, mas também na medida em que podia colocar milhões de soldados do lado dos imperialistas ocidentais. Recordemo-nos do exército russo com 14 milhões de homens que verteu o seu sangue nas frentes imperialistas para assegurar lucros fabulosos aos capitalistas anglo-franceses.

Mais. O tsarismo não era apenas o cão de guarda do imperialismo no Leste da Europa, era também uma rede de agentes do imperialismo ocidental, que extorquia centenas de milhões à população para o pagamento dos juros dos empréstimos que Paris, Londres, Berlim e Bruxelas lhe concediam.

Finalmente, o tsarismo era o mais fiel aliado do imperialismo ocidental na partilha da Turquia, da Pérsia, da China, etc. Quem ignora que a guerra imperialista foi conduzida pelo tsarismo enquanto aliado dos imperialistas da Entente e que a Rússia era um elemento essencial dessa guerra?

Eis por que os interesses do tsarismo e do imperialismo ocidental se entrelaçavam, fundindo-se, ao fim e ao cabo, numa rede única de interesses do imperialismo.

Poderia o imperialismo ocidental resignar-se com a perda de uma escora tão poderosa no Oriente e de uma reserva tão rica em forças e recursos como era a velha Rússia tsarista e burguesa, sem pôr à prova todas as suas forças numa luta de morte contra a revolução na Rússia, a fim de defender e conservar o tsarismo? Claro que não podia!

Mas daqui decorre que quem quisesse atacar o tsarismo teria inevitavelmente de levantar-se contra o imperialismo, quem se sublevasse contra o tsarismo teria de sublevar também contra o imperialismo, uma vez que quem derrubasse o tsarismo, teria de derrubar também o imperialismo, caso pensasse realmente não só em derrotar o tsarismo, mas também em acabar com ele completamente. Deste modo, a revolução contra o tsarismo aproximava-se e teria que transformar-se numa revolução contra o imperialismo, numa revolução proletária.

Entretanto, irrompia na Rússia uma grande revolução popular, à frente da qual estava o proletariado mais revolucionário do mundo, que dispunha de um aliado tão importante como o campesinato revolucionário da Rússia. Será preciso demonstrar que tal revolução não poderia parar a meio caminho, que, em caso de êxito, teria de prosseguir em diante, erguendo a bandeira da insurreição contra o imperialismo?

Eis porque a Rússia tinha que se tornar o ponto nodal das contradições do imperialismo, não só na medida em que era precisamente na Rússia que estas contradições se revelavam com maior facilidade, em virtude do seu carácter especialmente hediondo e intolerável, e não só porque a Rússia era o mais importante esteio do imperialismo ocidental, que ligava o capital financeiro do Ocidente às colónias do Oriente, mas também porque só na Rússia existia uma força real capaz de resolver as contradições imperialistas por via revolucionária.

Mas daqui decorre que a revolução na Rússia não podia deixar de se tornar proletária, não podia deixar de adquirir, desde os primeiros momentos do seu desenvolvimento, um carácter internacional, e não podia, portanto, deixar de abalar os próprios alicerces do imperialismo mundial.

Poderiam os comunistas russos, num tal estado de coisas, limitar a sua actividade ao âmbito estritamente nacional da revolução russa? Claro que não! Pelo contrário,

toda a situação, tanto a interna (profunda crise revolucionária), como a externa (a guerra), impelia-os a ultrapassar esse âmbito, a levar a luta ao plano internacional, a pôr a descoberto as chagas do imperialismo, a demonstrar a inevitabilidade da falência do capitalismo, a destroçar o social-chauvinismo e o social-pacifismo e, por fim, a derrotar o capitalismo no seu país e forjar uma nova arma de luta para o proletariado: a teoria e a tática da revolução proletária, com o fim de facilitar aos proletários de todos os países a tarefa do derrubamento do capitalismo. Os comunistas russos não poderiam agir de outro modo, pois só por esta via se podia esperar certas alterações na situação internacional, que pudessem dar garantias à Rússia contra a restauração do regime burguês.

Eis porque a Rússia se tornou o lar do leninismo e o líder dos comunistas russos, Lénine, o seu criador.

Com a Rússia e com Lénine «aconteceu» mais ou menos o mesmo que havia acontecido com a Alemanha e com Marx e Engels nos anos 40 do século XIX. Como a Rússia dos princípios do século XX, a Alemanha estava, então, prenhe de uma revolução burguesa. Nessa época, Marx escreveu no *Manifesto Comunista*:

«Para a Alemanha dirigem os comunistas a sua atenção principal, porque a Alemanha está em vésperas de uma revolução burguesa e porque leva a cabo esta revolução em condições de maior progresso da civilização europeia em geral e com um proletariado muito mais desenvolvido do que a Inglaterra no século XVII e a França no século XVIII, porque a revolução burguesa alemã só pode ser, portanto, o prelúdio imediato de uma revolução proletária.»<sup>2</sup>

Por outras palavras, o centro do movimento revolucionário tinha-se transferido para a Alemanha.

Difícilmente se poderá duvidar de que foi precisamente esta circunstância, assinalada por Marx na passagem citada, a razão provável de a Alemanha se ter tornado o berço do socialismo científico e os líderes do proletariado alemão, Marx e Engels, os seus criadores.

O mesmo se pode dizer, ainda com mais propriedade, em relação à Rússia dos princípios do século XX. Neste período, a Rússia encontrava-se em vésperas de uma revolução burguesa, que deveria levar a cabo em condições que eram as mais progressistas na Europa e com um proletariado mais desenvolvido do que o da Alemanha dos anos 40 do século XIX (sem falar, sequer, da Inglaterra e da França); sendo que tudo indicava que esta revolução iria ser o fermento e o prólogo da revolução proletária.

Não se pode considerar um acaso que ainda em 1902, quando a revolução russa apenas começava, Lénine tenha escrito no livro *Que Fazer?* estas palavras proféticas:

«A história coloca-nos hoje (isto é, diante dos marxistas russos)<sup>3</sup> uma tarefa imediata, que é a mais revolucionária de todas as tarefas imediatas do proletariado de qualquer outro país (...).»

---

<sup>2</sup> *Manifesto do Partido Comunista* (1848), Marx, Engels, *Obras Escolhidas*, em três tomos, Ed. Avante!, Lisboa, 1982, t.1, p.135. (N. Ed.)

<sup>3</sup> Parêntesis de I. Stáline.

«(...) O cumprimento desta tarefa, a destruição do baluarte mais poderoso, não só da reacção europeia, mas também (podemos hoje dizê-lo) da reacção asiática, tornaria o proletariado russo a vanguarda do proletariado revolucionário internacional».<sup>4</sup>

Por outras palavras, o centro do movimento revolucionário deveria transferir-se para a Rússia.

É sabido que o desenvolvimento da revolução na Rússia justificou de sobejo esta predição de Lénine.

Será de estranhar, depois disto, que o país que realizou uma tal revolução e que dispunha de um tal proletariado tenha sido o berço da teoria e da tática da revolução proletária?

Será de estranhar que o líder deste proletariado, Lénine, tenha sido ao mesmo tempo o criador desta teoria e desta tática do proletariado internacional?

### O método

Disse atrás que entre Marx e Engels, de um lado, e Lénine, de outro, existe todo um período de domínio do oportunismo da II Internacional. Em prol do rigor devo acrescentar que se trata aqui não do domínio formal do oportunismo, mas do seu domínio efectivo. Formalmente, à frente da II Internacional estavam os marxistas «autênticos», os «ortodoxos»: Kautsky e outros. Na realidade, no entanto, a actividade principal da II Internacional seguia uma linha oportunista. Os oportunistas acomodavam-se à burguesia, em virtude da sua natureza acomodaticia pequeno-burguesa, os «ortodoxos», por seu turno, acomodavam-se aos oportunistas, no interesse da «manutenção da unidade» com os oportunistas, no interesse da «paz no seio do partido». O resultado era o domínio do oportunismo, já que o circuito entre a política da burguesia e a política dos «ortodoxos» estava fechado.

Este foi um período de desenvolvimento relativamente pacífico do capitalismo, o período pré-guerra, digamos, quando as contradições catastróficas do imperialismo ainda não se tinham revelado com toda a clareza, quando as greves económicas dos operários e sindicatos se desenvolviam mais ou menos «normalmente», quando a luta eleitoral e a acção das fracções parlamentares proporcionavam êxitos «vertiginosos», quando as formas legais de luta eram elevadas às nuvens e se pensava «matar» o capitalismo através da legalidade – numa palavra, quando os partidos da II Internacional acumulavam gordura e não queriam pensar seriamente na revolução, na ditadura do proletariado, na educação revolucionária das massas.

Em vez de uma teoria revolucionária coerente, teses teóricas contraditórias, fragmentos de teoria desligados da luta revolucionária viva das massas e convertidos em dogmas vetustos. Para salvar as aparências, evocavam, é claro, a teoria de Marx, mas para esterilizar o seu espírito revolucionário vivo.

Em vez de uma política revolucionária, um filistinismo flácido, uma politiquice abstémia, uma diplomacia parlamentar e maquinações parlamentares. Para salvar as

---

<sup>4</sup> *Que Fazer?* (1902), V.I. Lénine, *Obras Escolhidas* em três tomos, Ed. Avante!, Lisboa, 1981, t. 1, p.99. (N. Ed.)

aparências, aprovava-se, é claro, resoluções e palavras de ordem «revolucionárias», mas com o único fim de as pôr na gaveta.

Em vez de se educar o partido e ensinar-lhe a verdadeira táctica revolucionária, aprendendo com os seus próprios erros, iludiam-se, esbatiam-se e encobriam-se cuidadosamente as questões candentes. Para salvar as aparências, aceitavam, é claro, falar sobre questões candentes, mas para encerrar o assunto com uma resolução «elástica» qualquer.

Tais eram a fisionomia, o método de trabalho e o arsenal da II Internacional.

Entretanto, aproximava-se um novo período de guerras imperialistas e de refregas revolucionárias do proletariado. Os antigos métodos de luta revelavam-se manifestamente insuficientes e impotentes em face da onipotência do capital financeiro.

Era necessário rever toda a actividade da II Internacional, todo o seu método de trabalho, banir o filistinismo, a estreiteza mental, a politiquice, a apostasia, o social-chauvinismo e o social-pacifismo. Era necessário verificar todo o arsenal da II Internacional, excluir tudo o que estivesse enferrujado e decrépito, forjar novas armas. Sem este trabalho prévio era inútil empreender a guerra contra o capitalismo. Sem isso, o proletariado correria o risco de se encontrar mal armado ou mesmo totalmente desarmado ante as novas batalhas revolucionárias.

Coube ao leninismo a honra de realizar a revisão geral e a grande limpeza dos estábulos de Augias<sup>5</sup> da II Internacional.

Eis em que situação nasceu e se forjou o método do leninismo.

A que se resumem as exigências deste método?

Primeiro, à *comprovação* dos dogmas teóricos da II Internacional no fogo da luta revolucionária das massas, no fogo da prática viva, isto é, ao restabelecimento da unidade rompida entre a teoria e a prática, e à eliminação do fosso entre elas, pois só assim será possível criar um partido verdadeiramente proletário, munido de uma teoria revolucionária.

Segundo, à *comprovação* da política dos partidos da II Internacional, não através das suas palavras de ordem e das suas resoluções (às quais não se pode dar crédito), mas da sua prática, dos seus actos, pois só assim se pode conquistar e merecer a confiança das massas proletárias.

Terceiro, à *reorganização* de todo o trabalho do partido de uma forma nova, revolucionária, no espírito da educação e preparação das massas para a luta revolucionária, pois só assim se pode preparar as massas para a revolução proletária.

Quarto, à *autocrítica* dos partidos proletários, à sua aprendizagem e educação a partir dos próprios erros, pois só assim se podem formar verdadeiros quadros e verdadeiros líderes do partido.

Tais são a base e a essência do método do leninismo.

Como era aplicado na prática este método?

Os oportunistas da II Internacional têm uma série de dogmas teóricos, dos quais partem sempre. Vejamos alguns:

---

<sup>5</sup> Augias ou Augeias, rei da Élide (país da Grécia antiga, na costa ocidental do Peloponeso) e um dos argonautas. Os seus estábulos, que alojavam três mil bois, não tinham sido limpos havia 30 anos. Hércules (semideus grego) limpou-os, fazendo passar neles o rio Alfeu. Alude-se frequentemente, sobretudo em política, a este trabalho do herói. Limpar os estábulos de Augias passou a significar reformar qualquer administração particular ou pública onde se cometem grandes abusos. (N.T.)

Primeiro dogma: sobre as condições da tomada do poder pelo proletariado. Os oportunistas afirmam que o proletariado não pode nem deve tomar o poder enquanto não constituir a maioria no país. Nenhuma prova é apresentada, pois não é possível justificar, nem teórica nem praticamente, esta tese absurda. Admitamos que seja assim, responde Lênine aos senhores da II Internacional. E se de repente se produzir uma situação histórica (guerra, crise agrícola, etc.), na qual o proletariado, constituindo a minoria da população, tem a possibilidade de agrupar em torno de si a imensa maioria das massas trabalhadoras, por que razão não deveria ele tomar o poder? Por que razão não deveria o proletariado aproveitar uma situação internacional e interna favorável para romper a frente do capital e acelerar o desenlace geral? Porventura Marx não disse, ainda nos anos 50 do século XIX, que a situação da revolução proletária na Alemanha poderia ser «*óptima*» caso se pudesse ajudá-la, digamos, com «*uma espécie de segunda edição da guerra dos camponeses*»?<sup>6</sup> Porventura haverá quem ignore que nessa altura havia relativamente menos proletários na Alemanha do que, por exemplo, na Rússia em 1917? Acaso a experiência da revolução proletária russa não demonstrou que esse dogma favorito dos heróis da II Internacional não tem qualquer importância vital para o proletariado? Não é, porventura, evidente que a experiência da luta revolucionária das massas rebate e destrói este dogma vetusto?

Segundo dogma: o proletariado não pode conservar o poder se não dispuser de quadros preparados em quantidade suficiente nos domínios da cultura e da administração capazes de organizar a administração do país. Primeiro é preciso preparar estes quadros nas condições do capitalismo, e depois tomar poder. Admitamos, responde Lênine. Mas porque não se pode inverter o problema de modo a, primeiro, tomar o poder, criar condições favoráveis ao desenvolvimento do proletariado e, em seguida, avançar com botas de sete léguas para elevar o nível cultural das massas trabalhadoras, para formar numerosos quadros dirigentes e administradores de origem operária? Acaso a experiência da Rússia não demonstrou que os quadros dirigentes de origem operária se formam, sob o poder proletário, com vezes mais rápida e consistentemente do que sob o poder do capital? Não é, porventura, evidente que a experiência da luta revolucionária das massas desfaz impiedosamente também este dogma teórico dos oportunistas?

Terceiro dogma: o método da greve geral política é inaceitável para o proletariado, dado que é teoricamente inconsistente (veja-se a crítica de Engels), praticamente perigoso (pode desorganizar o curso habitual da vida económica do país e pode deixar vazias as caixas dos sindicatos), e não pode substituir as formas parlamentares de luta, que são a forma principal da luta de classes do proletariado. Muito bem, respondem os leninistas. Todavia, em primeiro lugar, Engels não criticou toda a greve geral, mas apenas um determinado tipo de greve geral: a greve geral *económica* dos anarquistas,<sup>7</sup> preconizada por estes *em substituição* da luta política do proletariado. Que tem isto a ver com o método da greve geral *política*? Em segundo lugar, por

---

<sup>6</sup> Trata-se de uma frase de Marx numa carta a Engels, datada de 16 de Abril de 1856. Ver *Marx e Engels, Obras Escolhidas* em três tomos, ed. cit., t. 1, p. 557. (N. Ed.)

<sup>7</sup> Trata-se de uma referência ao artigo de F. Engels «Bakunistas no trabalho» (1873), K. Marx e F. Engels, *Obras* (em russo), Moscovo, 1961, t. 8, pp. 456-47 (também disponível em inglês em: <http://www.marxists.org/archive/marx/works/download/MarxConflictwithBukunin.pdf>). (N. Ed.)

quem e onde foi demonstrado que a luta parlamentar constitui a forma principal de luta do proletariado? Acaso a história do movimento revolucionário não demonstra que a luta parlamentar é apenas uma escola e um meio auxiliar para a organização da luta extraparlamentar do proletariado e que, sob o regime capitalista, as questões fundamentais do movimento operário se resolvem pela força, pela luta directa das massas proletárias, pelas suas greves gerais e insurreições? Em terceiro lugar, quem levantou essa questão da substituição da luta parlamentar pelo método da greve geral política? Onde e quando os partidários da greve geral política procuraram substituir as formas parlamentares de luta pelas formas extraparlamentares? Em quarto lugar, porventura a revolução russa não demonstrou que a greve geral *política* é a melhor escola da revolução proletária e um meio insubstituível de mobilização e organização das mais amplas massas do proletariado em vésperas do assalto à fortaleza do capitalismo? Então, a que propósito vêm essas lamentações filistinas sobre a desorganização do curso normal da vida económica e as caixas dos sindicatos? Não é evidente que a prática da luta revolucionária destrói também este dogma dos oportunistas?

E etc., etc.

Eis porque Lênine dizia que «*a teoria revolucionária não é um dogma*» e que «*só se constitui de forma definitiva em estreita ligação com a prática de um movimento verdadeiramente de massas e verdadeiramente revolucionário*»,<sup>8</sup> pois a teoria deve servir a prática, «*deve responder às questões levantadas pela prática*»,<sup>9</sup> porque ela deve ser aferida pelos dados da prática.

No que se refere às palavras de ordem e às decisões políticas dos partidos da II Internacional, basta lembrar a história da palavra de ordem «*Guerra à guerra*», para se compreender toda a falsidade e a podridão da prática política desses partidos, que encobrem a sua acção anti-revolucionária com pomposas palavras de ordem e resoluções revolucionárias. É para todos memorável a ostentosa demonstração da II Internacional no Congresso de Basileia,<sup>10</sup> ameaçando os imperialistas com todos os horrores da insurreição, caso ousassem desencadear a guerra, e lançando a temível palavra de ordem «*Guerra à guerra*». Mas quem não se lembra que pouco tempo depois, perante o início iminente da guerra, a resolução de Basileia foi metida na gaveta, e aos operários foi dada uma nova palavra de ordem: exterminarem-se mutuamente para glória da pátria capitalista? Não será claro que as resoluções e palavras de ordem revolucionárias não valem nada quando não são corroboradas por actos? Basta contrapor a política leninista de transformação da guerra imperialista em

---

<sup>8</sup>A *Doença Infantil do «Esquerdismo» no Comunismo*, V.I. Lênine, *Obras Escolhidas* em três tomos, ed. cit., t. 3, p. 282. (N. Ed.)

<sup>9</sup>Trata-se, ao que pudemos averiguar, não de uma citação exacta, mas de uma síntese de uma das questões tratadas por Lênine na sua obra *Quem São os Amigos do Povo e Como Lutam Contra os Sociais-Democratas* (1894), V.I. Lênine, *Obras Completas* (em russo), Moscovo, 1967, t. 1, pp. 125-346. (N. Ed.)

<sup>10</sup>O Congresso de Basileia da II Internacional decorreu nos dias 24 e 25 de Novembro de 1912. Foi convocado a propósito da guerra nos Balcãs e do perigo de uma guerra mundial. Uma única questão estava na sua ordem de trabalhos: a situação internacional e acções conjuntas contra a guerra. No manifesto aprovado apelava-se aos operários para que utilizassem a organização e a sua força na luta revolucionária contra a ameaça de guerra, para declarar «*Guerra à guerra*». (Nota da edição russa, I.V. Stáline, *Obras*, Moscovo, 1947, t. 6, p. 406). (N. Ed.)



guerra civil à política de traição da II Internacional durante a guerra, para compreender toda a vulgaridade dos politiquinhos do oportunismo e toda a grandeza do método leninista. Não podemos deixar de reproduzir aqui uma passagem do livro de Lênine, *A Revolução Proletária e o Renegado Kautsky*, no qual fustiga duramente a tentativa do líder da II Internacional, K. Kautsky, de julgar os partidos, não pelos seus actos, mas pelas suas palavras de ordem e resoluções no papel:

*«Kautsky prossegue uma política tipicamente pequeno-burguesa, filistina imaginando (...) que lançar uma palavra de ordem modifica as coisas. Toda a história da democracia burguesa desmascara esta ilusão: para enganar o povo, os democratas burgueses lançaram e lançam sempre todas as “palavras de ordem” imagináveis. A questão está em comprovar a sua sinceridade, em comparar as palavras com os actos, em não se contentar com frases idealistas ou charlatanescas, mas em procurar encontrar a realidade de classe.»<sup>11</sup>*

Já não falo do medo à autocritica dos partidos da II Internacional, da maneira de ocultar os seus erros, de dissimular as questões melindrosas, de esconder as suas lacunas com falsas galas de comprazimento, embotando o pensamento vivo e travando a causa da educação revolucionária do partido através dos seus próprios erros – maneira que Lênine ridicularizou e pôs no pelourinho. Vejamos o que escreveu Lênine sobre a autocritica nos partidos proletários na sua brochura *A Doença Infantil do «Esquerdismo» no Comunismo*:

*«A atitude de um partido político perante os seus erros é um dos critérios mais importantes e mais seguros da seriedade do partido e do cumprimento de facto por ele das suas obrigações para com a sua classe e para com as massas trabalhadoras. Reconhecer abertamente o erro, pôr a descoberto as suas causas, analisar a situação que o engendrou e discutir atentamente os meios de corrigir o erro – isto é o indício de um partido sério, isto é o cumprimento por ele das suas obrigações, isto é educar e instruir a classe, e depois também as massas».<sup>12</sup>*

Alguns dizem que a revelação dos próprios erros e a autocritica são perigosos para o partido, pois podem ser utilizados pelos adversários contra o partido do proletariado. Lênine considerava semelhantes objecções desonestas e absolutamente falsas. Vejamos o que disse a propósito disto, logo em 1904, no seu livro *Um Passo em Frente, Dois Atrás*, quando o nosso partido ainda era fraco e pequeno:

*«Eles [isto é, os adversários dos marxistas. – I. St.] seguem com caretas de alegria maligna as nossas discussões; evidentemente procurarão utilizar para os seus fins algumas passagens isoladas desta brochura dedicada aos defeitos e lacunas do nosso partido. Os sociais-democratas russos estão já suficientemente temperados nas batalhas para não se deixarem perturbar por essas alfinetadas, e para prosseguir, apesar delas, o seu trabalho de*

---

<sup>11</sup>*A Revolução Proletária e o Renegado Kautsky*, V.I. Lênine, *Obras Escolhidas* em três tomos, ed. cit., t.3, p. 44. (N. Ed.)

<sup>12</sup>*A Doença Infantil do «Esquerdismo» no Comunismo*, V.I. Lênine, op. cit., p. 305. (N. Ed.)

*autocrítica, continuando a revelar implacavelmente as suas próprias lacunas, que serão corrigidas, necessária e seguramente pelo crescimento do movimento operário.»<sup>13</sup>*

Estes são, em geral, os traços característicos do método do leninismo.

O conteúdo do método de Lênine já existia, no essencial, na doutrina de Marx, a qual, segundo a sua própria expressão, «*pela sua essência, é crítica e revolucionária*».<sup>14</sup> É precisamente este espírito crítico e revolucionário que impregna, do princípio ao fim, o método de Lênine. Mas seria errado pensar que o método de Lênine é apenas a reconstituição do que nos foi dado por Marx. Na realidade, o método de Lênine não só é a reconstituição, mas também a concretização e o desenvolvimento subsequente do método crítico e revolucionário de Marx, a sua dialética materialista.

---

<sup>13</sup>*Um Passo em Frente, Dois Passos Atrás*, V.I. Lênine, *Obras Escolhidas* em três tomos, ed. cit, t. 1, p. 219. (N. Ed.)

<sup>14</sup> K. Marx, *Capital*, Livro Primeiro, t. 1, Ed. Avante!, Lisboa, 1990, p. 22. (N. Ed.)